

APRESENTAÇÃO

Os organizadores

O VI Encontro de Pesquisa da FAJE, realizado entre os dias **04 e 05 de setembro de 2024**, teve como tema “***Liberdade e Amizade Social: caminhos para desarticular os extremismos***”. Inspirado, em parte, no subtítulo da *Encíclica Fratelli tutti*, do Papa Francisco, esse tema, ao invés da referência à “fraternidade”, como lugar para pensar a convivência entre pessoas, grupos e ideias diferentes nas sociedades polarizadas dessa terceira década do século XXI, propõe o paradigma da “liberdade”, que, sob muitos pontos de vista, ajuda a ampliar a perspectiva da Encíclica papal. Com efeito, num mundo que se descobre cada vez mais plural e com dificuldades de reconhecer um dos princípios básicos dos direitos humanos, a “igualdade”, o apelo a sair da igualdade numérica para o reconhecimento da diferença como lugar de fraternidade e sororidade é não só urgente, mas necessário. Porém, para se alcançar um “nós” reconciliado, é preciso aprofundar outro princípio fundamental dos direitos humanos, o da “liberdade”. Esse princípio, embora identificado muitas vezes como “liberdade de expressão”, “liberdade de ir e vir” ou “liberdade de se escolher e de se fazer o que cada um quer”, encontra-se diante de um limite intransponível: o da liberdade do outro. A “regra de ouro”, presente em todas as culturas e sob muitas formulações, já havia chegado a essa convicção, mas a história humana mostra o quanto essa regra é continuamente transgredida, sobretudo diante do diferente considerado como ameaça ou como inimigo. A exacerbação do princípio da liberdade na perspectiva de um individualismo fechado, tem acentuado a suspeita frente a todo tipo de diferença que possa representar uma ameaça para o indivíduo. Nesse sentido, aprofundar o tema da liberdade é essencial para se pensar a fraternidade e a sororidade.

A questão da liberdade recebeu diversas abordagens ao longo da história, tanto do ponto de vista filosófico quanto teológico. Na época moderna, com o advento das ciências humanas, a reflexão sobre a liberdade foi enriquecida com as abordagens da sociologia, da antropologia, da psicologia e da psicanálise. Na filosofia antiga, distinguia-se a liberdade do regime da necessidade. A teológica cristã, sobretudo com Santo Agostinho, propôs a diferença entre liberdade, que é a orientação para o bem, e o livre arbítrio, que é a capacidade de escolher entre o bem e o mal. Na compreensão agostiniana, com o pecado original, o ser humano perdeu a liberdade, mas conservava o livre arbítrio, embora bastante débil, necessitando da graça divina para torná-lo capaz de recuperar a liberdade. A filosofia moderna, com a virada da subjetividade, conferiu um lugar central à liberdade, associando-a de modo mais estreito ao que o pensamento antigo e medieval compreendiam como livre arbítrio. Ser livre significava então ser capaz de tomar decisões. Kant é o principal teórico da liberdade nessa época. Sua abordagem é, porém, de caráter transcendental, nem sempre levando em conta a historicidade constitutiva do sujeito. Nesse sentido, as ciências humanas vão mostrar os diferentes tipos de condicionamentos que cerceiam ou limitam a liberdade, seja do ponto de vista psicológico, seja do ponto de vista social, econômico, histórico, cultural ou religioso.

Todas essas abordagens ampliaram o significado da liberdade, mostrando que ele pode ser vista como “liberdade de” ou “liberdade para”. Essa dupla perspectiva vai também mostrar que a liberdade não é só princípio, mas que ela acontece historicamente em sujeitos concretos, que são corpos, muitas vezes limitados, que precisam de vários tipos de “libertação”, ou como possibilidade, que se expressa de muitas formas e modalidades.

Essa dupla compreensão da liberdade (“de”, “para”) tem se ampliado nas últimas décadas com o advento da consciência de que o sujeito livre não é mônada, pois ele é constitutivamente “vinculado”, e que sua liberdade não é absoluta, mas depende de outras liberdades. A escolha principal, que é a de existir, ser gerado, nascer, não lhe pertence, pois cada ser humano é “dado” à existência, teve sua origem em outra liberdade que a sua. Além dessa “dívida” originária, ele tampouco escolheu onde e quando nascer, em que cultura e língua. Seu próprio acesso à condição humana passou por muitos vínculos. Somente esse estar vinculado a um “nós” mais amplo torna possível suas escolhas futuras.

Sob muitos pontos de vista, portanto, o advento da liberdade é fruto de muitas “amizades” tributárias de um “nós”. Portanto, tudo o que atenta ao nós atenta à liberdade. Nesse sentido, as polarizações que se exacerbaram nas últimas décadas, com extremismos que suprimem o outro, levando a guerras e lutas terríveis, são um atestado de uma falência na própria compreensão da liberdade, que não é só autoafirmação de um indivíduo absoluto, que prescinde de todos os elos aos quais está vinculado para o ato de existir.

O VI Encontro de Pesquisa, ao se debruçar sobre a relação entre liberdade e amizade social, quis contribuir nessa reflexão, ampliando o debate em nível acadêmico, implicando docentes, discentes, egressos e público externo no evento. O presente número de *Annales FAJE* traz alguns elementos desse debate, visando a articulação entre a pesquisa acadêmica e a sociedade, uma vez que disponibiliza o que foi discutido no VI Encontro de Pesquisa para um público mais amplo, constituído não só pelos que participaram do evento, mas também de pessoas interessadas em ter mais fundamentos de como construir pontes que redescubram a centralidade do “nós”, combatendo todo tipo de extremismo, oferecendo assim um aporte na construção da paz que nasce da amizade.

O VI Encontro de Pesquisa da FAJE contou com a seguinte programação: dia 04 de setembro: Mesa Redonda ao redor do tema: “Caminhos para desarticular os extremismos”, com as presenças dos Profs. Drs. Ricardo Moraes (FDMC), Francys Silvestrini Adão (FAJE), e a mediação do Prof. Dr. Élio Gasda. Em seguida foram abertas as salas de comunicações, ao redor de seis eixos: (1) **Bíblia e literatura**, (2) **Amizade Social**, (3) **Extremismos**, (4) **Humanidades**, (5) **Sociedade**, (6) **Teologias**. Finalizando o primeiro dia foi apresentado o filme “Mar adentro”, com debate no final; dia 05 de setembro: apresentação de comunicações, seguida de uma conferência final feita pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin (FAJE): “Narcisismo e sentido normativo da amizade”.

Foram aprovadas pela Comissão Científica 20 comunicações, todas apresentadas, algumas em formato presencial, outras em formato virtual síncrono, através da Plataforma Teams

da Faculdade. Dessas comunicações, dez são apresentadas no presente número de *Annales FAJE*. As duas primeiras, do GT **Bíblia e Literatura**, começa com o texto de André Henrique Macedo Veloso (Teologia FAJE), que propõe um comentário teológico ao texto de Gn 37-50, a história de José, mostrando sua atualidade ainda hoje para se entender a origem dos extremismos e o caminho para vencê-los, o da reconciliação. O doutorando Vitor César Zille Noronha (Teologia FAJE), realiza uma análise exegética de Ex 15, 1-18, mostrando como a fé no Deus que libertou o povo da escravidão no Egito ainda é inspiradora para todas as lutas por libertação hoje. No GT **Amizade Social**, a doutoranda Leila Maria Orlandi Ribeiro (Teologia FAJE), aborda especificamente o tema da amizade social na educação cristã a partir do Vaticano II e do magistério do Papa Francisco. A doutoranda Graziela Aparecida da Cruz (Artes, UFMG) problematiza, no GT **Humanidades**, o tema das atmosferas na arte fílmica, com foco nos filmes de Andrei Tarkovski. No GT **Extremismos**, o doutorando Wellington Santos (Filosofia FAJE), à luz do pensamento de Henri Bergson, reflete sobre a superação dos extremismos à luz da discussão entre sociedades abertas e sociedades fechadas. No GT **Sociedade**, a doutoranda Miriam Zanutti (Teologia FAJE), resgata a participação de Alice Clapp na luta abolicionista da segunda metade do século XIX, mostrando a relação de seu engajamento com a fé cristã. Por sua vez, Alexandre Sugamoto (mestrado em Ciências da Religião da PUC Minas) apresenta o papel Éliphas Lévi, uma das referências do pensamento ocultista do século XIX, na luta pela justiça social. No GT **Teologias**, enfim, três textos são propostos : o de Jefferson Luis Rodrigues de Farias (Filosofia da UFCE), reflete sobre o paradoxo *Una Essentia Tres Personae* como paradigma da ação humana a partir de Joseph Ratzinger; Marcelo Vinicius Picini (Teologia FAJE) reflete sobre a mistagogia do acompanhamento espiritual; e Lucien Nzamba (Teologia FAJE) apresenta a hermenêutica feminista negra, do Círculo de Teólogas Africanas Preocupadas, pioneiras da hermenêutica *Talitha cum*, pensada como a arte de se levantar continuamente contra os poderes mortíferos que causam tanta desolação e infortúnio no continente africano.

Os textos aqui propostos abrem novos horizontes para quem busca construir caminhos de liberdade que efetivamente criem laços que vençam os extremismos hoje.

Boa leitura!